

# **HIPÓTESES PSICOLINGUÍSTICAS ACERCA DO PROCESSAMENTO FRASEOLÓGICO POR FALANTES DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA**

Vicente de Paula da Silva Martins (UFC/FUNCAP)

vicente.martins@uol.com.br

## **Introdução**

Em contextos naturalísticos ou instrucionais, é um desafio para os falantes não nativos de uma língua a compreensão de expressões idiomáticas vistas ou ouvidas pela primeira vez.

Tradicionalmente, a literatura tem definido uma expressão idiomática como agrupamento de palavras que funciona como uma unidade cujo significado não é literal.

É difícil compreender, por exemplo, o significado fraseológico ou figurativo de uma expressão idiomática do tipo "Meter os pés pelas mãos" com o significado de "atrapalhar-se" a partir dos significados parciais de suas palavras ("meter" + "os" + "pés" + "pelas" + "mãos").

O sentido fraseológico ou translato de expressões idiomáticas é, sincronicamente, imprevisível, visto que estas frases feitas apresentam um grau de idiomaticidade e de fixação que as tornam opacas e intraduzíveis.

Este trabalho, fruto de pesquisa em andamento, investiga as estratégias de processamento fraseológico utilizadas por falantes não nativos do Português Brasileiro que foram instigados a darem os significados de expressões idiomáticas, extraídas de jornais de grande circulação nacional e apresentadas em um contexto escrito.

Com esta pesquisa, procuramos responder as seguintes questões: (a) Em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para o estudo variam em dificuldade, medida pelo Teste de Reconhecimento Idiomático (TRI)?; (b) Que tipos de estratégias os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas?; e (c) Até que ponto os modelos teóricos de compreensão de expressões idiomáticas na L1 aplicam-se à compreensão de expressões idiomáticas por falantes de L2?

Partimos da hipótese de que o reconhecimento da expressão idiomática pode ser influenciada por fatores como: (a) O contexto da expressão; (b) O significado literal da expressão; (c) O significado de uma determinada palavra na locução idiomática; e (d) As experiências e conhecimentos prévios dos participantes.

No presente trabalho, vamos nos limitar a apresentar alguns aportes das teorias psicolinguísticas do processamento fraseológico bem como, brevemente, descrever, com pequenas ilustrações, procedimentos metodológicos e o material utilizados na aplicação do teste de reconhecimento idiomático aos falantes do português como segunda língua (L2), com base nas investigações de Cooper (1999).

### 1. Teorias Léxicas do processamento fraseológico

Fundamentamos nossa pesquisa em teorias psicolinguísticas do processamento fraseológico, nomeadamente Bobrow e Bell (1973); Cacciari e Tabossi (1993); Flores d'Arcais (1993); Cooper (1999); Detry (2010) e García-Page (2010).

No âmbito das pesquisas psicolinguísticas, a busca de solução empírica da problemática do sentido não literal das expressões idiomáticas pode ser observada, a partir dos anos 70, com os estudos pioneiros de Bobrow e Bell (1973), seguidos dos trabalhos de Swinney e Cutler (1979). Eles, pioneiramente, formaram as duas grandes correntes teóricas sobre o processamento fraseológico: as teorias léxicas e as teorias composicionais que buscam explicações sobre a passagem do literal ao não literal durante o processamento cognitivo das expressões idiomáticas.

De modo geral, as teorias léxicas apoiam-se na noção de opacidade semântica que varia em função do grau de cristalização das expressões e por suas restrições sintáticas. Já as teorias composicionais apoiam-se na tese de Frege (1971) de que o sentido de uma expressão é função do sentido de seus componentes. Uma, pois, afirma que o sentido não literal não se reduz aos significados do sintagma fraseológico. A outra, em contraste, postula o significado não literal a partir dos constituintes da expressão idiomática.

As contribuições teóricas dessas duas correntes psicolinguísticas atenderam aos casos gerais de processamento das expressões idiomáticas, isto é, as pesquisas experimentais levadas a efeito por seus defensores foram realizadas em falantes nativos,

deixando de lado casos particulares ou especiais, como, por exemplo, o processamento fraseológico por falantes não nativos.

Diante dessa condição restritiva, muitos modelos propostos foram voltados a verificar como ocorria a compreensão idiomática que se ativa depois do armazenamento das expressões na memória dos falantes nativos, deixando de resolver pontos obscuros, como, por exemplo, a questão do acesso inicial ao sentido figurado das expressões idiomáticas, ou, como se dava a passagem do literal ao idiomático.

Apesar dessa limitação, os resultados da pesquisas psicolinguísticas, até aqui realizadas, representam um ponto de partida teórico relevante para investigações similares (BELINCHÓN: 1999, p.364). Mas, à medida que não sabemos, ao certo, como ocorre o processo de compreensão idiomática por sujeitos não nativos, podemos apresentar razões teóricas e práticas para uma nova pesquisa nesse campo.

Enfim, precisamos fazer descobertas de soluções para casos particulares de compreensão idiomática por sujeitos não nativos, de modo a sugerir modificações, se for o caso, no campo dos estudos sobre a realidade psicológica das expressões idiomáticas, atualmente de grande interesse dos chamados linguistas cognitivistas que ocupam, entre os tópicos, de questões relacionadas à metáfora e à idiomaticidade (JOSEP CUENCA: 1999, p. 116-121).

Os primeiros experimentos para verificação do processamento cognitivo das expressões idiomáticas parecem ter sido limitados por seus dois procedimentos: (a) em primeiro lugar, limitaram-se a questões de natureza conceitual, uma vez que os pesquisadores assumiram a crença, com base nas definições tradicionais dos lexicólogos, de que as expressões idiomáticas (ou fixas) eram unicamente definidas a partir de suas propriedades semânticas e estruturais (pluriverbalidade, metaforização, idiomaticidade, fixidez, institucionalização e assim por diante); e (b) em segundo lugar, os participantes dos experimentos eram falantes nativos (principalmente, os de língua inglesa).

Como dissemos, estes dois procedimentos exclusivos acabaram por levar os pesquisadores à constituição de modelos psicolinguísticos aplicados à compreensão idiomática ativada somente depois de armazenamento das expressões idiomáticas na memória de longo prazo dos falantes (BELINCHÓN: 1999,p.364-365).

A primeira corrente de hipóteses psicolinguísticas, denominada de “idiom-list hypothesis”, considera as expressões idiomáticas como itens lexicais que são listados e recuperados como pedaços do léxico. Esta corrente psicolinguística foi assumida por Bobrow & Bell (1973).

Seus defensores têm a crença de que o significado das expressões idiomáticas não é recuperado a partir dos seus constituintes individuais e que se comportam como expressões sintáticas e semânticas com as mesmas propriedades das palavras. Para essa corrente, por exemplo, não há nada nos significados de “fazer”, “ouvido”, “de” e “mercador” que nos diz o que significa “fazer ouvido de mercador” com sentido idiomático de “fingir que não ouviu”.

Os resultados dos experimentos de Bobrow & Bell (1973) mostraram a primazia da literalidade na compreensão idiomática e, por essa razão, os dois psicolinguistas propõem a hipótese de lista de expressões idiomáticas (ou primeira hipótese literal) em nossa memória declarativa de longo prazo, argumentando, ainda, que as expressões são mentalmente representadas e tratadas como quaisquer outros itens lexicais.

A especificidade, porém, para o caso das expressões idiomáticas, estruturalmente mais complexas do que as palavras, é a de que seriam, de forma independente, armazenadas em um “léxico idiomático” (ou “memória idiomática”, termo de nossa preferência) diferente do nosso léxico mental normal ou habitual de itens lexicais. Segundo essa visão, a leitura literal não é opcional e vem, obrigatoriamente, antes de o falante recuperar o sentido idiomático.

O modelo de compreensão de expressões idiomáticas de Bobrow e Bell (1973) ocorreria em três etapas no processamento cognitivo ou, mais especificamente fraseológico, na mente dos falantes. Na primeira etapa, o ouvinte inicialmente processaria o significado literal. Em seguida, então rejeitaria o sentido literal e, finalmente, acessaria ao “léxico idiomático” e forneceria, então, uma interpretação correta, isto é, a idiomática, tal que esperamos encontrar o significado figurativo nos dicionários gerais ou na aceitabilidade da comunidade linguística.

Para ilustrarmos este modelo de Bobrow e Bell (1973), digamos que um assíduo leitor de jornal diário, no café da manhã, lesse a seguinte informação, que se refere aos chamados “homens-tatus” (assim rotulados aqueles que retiram areia dos para a venda

ilegal nos depósitos de construção) : “Eles são como formiguinhas e agem durante a madrugada. É como **catar agulha em palheiro**. A população precisa denunciar” (in “**granja Lisboa: Homens-tatus quase morrem soterrados**”, Cidade, in DN, em 7/11/2009, grifos nossos).

Seguindo as etapas do modelo de Bobrow e Bell (1973), teríamos as seguintes etapas para a compreensão da expressão idiomática “Procurar (ou catar) agulha em palheiro”: primeiramente, o leitor processaria o significado literal da expressão: “catar” + “agulha” + “no” + “palheiro”. Assim procedendo, neste exemplo dado, o leitor (ou ouvinte) chegaria, inicial e literalmente, à seguinte interpretação: “Buscar vareteira de aço no depósito de palha”. Pelo contexto da frase, logo rejeitaria essa interpretação literal por “inadequabilidade de sentido”. E, então, acessaria à sua “memória idiomática” e obteria o significado não literal e mais adequado à frase: “Estar à cata de algo muito difícil de achar” ou “Querer conseguir algo muito difícil ou impossível”.

A questão principal do modelo léxico de Bobrow e Bell (1973), que se estabelece, é a seguinte: se durante processo de compreensão de uma expressão idiomática, como no exemplo acima (“catar agulha no palheiro”), os falantes (nativos) recuperam da sua “memória idiomática” o sentido literal ou o sentido figurado e, nos casos de que os dois sejam recuperados, em que ordem tem lugar o acesso a estes dois significados. Por essa razão, essa primeira corrente advoga, pois, por um processamento prévio do sentido literal. Essa hipótese psicolinguística nos lembra o modelo clássico de Grice (1982:102-103) de compreensão de linguagem figurada. Embora o ouvinte seja levado a um nível mais profundo (idiomático ou figurativo), este modelo pragmático também favorece, primeiramente, a hipótese literal.

Os estudos de Bobrow e Bell (1973), sobre reconhecimento de unidades fraseológicas (UFS), foram realizados fora do contexto, e no final dos anos 70 foram refutados, conforme nos informam os estudos de Swinney e Cutler (1979).

A segunda corrente das teorias léxicas do processamento fraseológico foi proposta pelos psicolinguistas a partir dos experimentos de Swinney & Cutler (1979). Esta corrente psicolinguística se posiciona contra a prioridade da interpretação literal na compreensão das expressões idiomáticas, proposta anteriormente por Bobrow e Belle (1973) e propõe a hipótese de representação lexical que defende o processamento

simultâneo, isto é, a compreensão literal e a compreensão não literal ocorreriam ao mesmo tempo na mente dos falantes.

Um primeiro argumento em favor desta corrente vem dos experimentos de Swinney & Cutler (1979). Os resultados dos testes mostraram que os sujeitos não apresentavam diferenças de tempo para acessar ao sentido literal e ao não literal das expressões idiomáticas.

Vejam os um exemplo para ilustrar a hipótese de Swinney & Cutler (1979), extraído de um jornal diário “: (...) Cibelle Ribeiro nos manda perturbadora seleção de fotos ‘reimosíssimas’ suas e ainda (só pode ser modéstia) nos pergunta se gostamos. Ora, Cibelle, isso é mesmo que **perguntar se macaco quer banana**, minha filha, o que você nos enviou foi um verdadeiro destroço, capaz de causar um tsunami... “ (in “Leitores gostam de sofrer”, Coluna Cláudio Cabral – Zoeira, DN, em 11/03/009, grifos nossos).

No exemplo acima, segundo o modelo Swinney & Cutler (1979), o processamento cognitivo da expressão idiomática “Perguntar se macaco quer banana”, seja ele leitor ou ouvinte, não indicaria diferença significativa de tempo entre a atribuição de sentido literal “ Procurar saber se símio deseja comer o fruto da bananeira” e a atribuição do sentido idiomático “ Fazer pergunta absolutamente desnecessária, porque dela só se espera, na certa, resposta afirmativa”.

Embora vistas como mentalmente representadas e tratadas como itens lexicais, as expressões idiomáticas, no modelo de Swinney e Cutler (1979), diferem do modelo de Bobrow & Bell (1973), porque seriam armazenadas naturalmente no léxico mental sem a necessidade de postularmos um léxico específico para o armazenamento dos idiomatismos (“memória idiomática”).

Como dissemos, anteriormente, o falante, segundo esta perspectiva, se nativo, ao estar confrontado com uma sequência fraseológica, processaria de maneira simultânea o sentido literal e o sentido figurado. Como as expressões idiomáticas seriam encontradas armazenadas na memória como simples palavras, o sujeito acessaria ao significado idiomático de maneira mais direta e rápida que ao literal. Todavia, experimentos realizados sobre reconhecimento léxico, baseados na velocidade de resposta dos sujeitos, parecem indicar certa preferência pela leitura idiomática em primeiro lugar.

Mais recentemente, o estudo de Cooper (1999) investigou as estratégias de processamento on-line utilizadas por uma amostra de falantes não nativos de Inglês que foram instados a dar os significados de expressões idiomáticas comuns selecionadas e apresentadas em um contexto escrito. Os dados foram coletados por meio do protocolo verbal "pensar em voz alta". A pesquisa revelou que modelos de aquisição de expressão idiomática em L1 não bem se aplicam a compreensão de expressões idiomáticas pelos usuários L2.

## 2. Classificação das expressões por nível de uso

Com base nos aportes psicolinguísticos, seguimos os procedimentos metodológicos sugeridos por Cooper (1999) para a construção do nosso experimento. Para verificarmos se os sujeitos de nossa pesquisa teriam dificuldades de compreenderem as expressões a partir de níveis de uso, estabelecemos as seguintes categorias: (1) Brasileirismos; (2) Regionalismos; (3) Popularismos; (4) Metaforismos; e (5) Informalismos: descobrir um santo para cobrir outro, estar com a faca e o queijo na mão, ter bebido água de chocalho, ter o olho maior que a barriga, misturar alhos com bugalhos.

Para a classificação das expressões idiomáticas, por nível, recorreremos a três fontes lexicográficas: Ferreira (2009); Houaiss e Villar (2009) e Sacconi (2010). Foram selecionadas cinco expressões idiomáticas de cada grupo, assim distribuídas:

- (a) 1º grupo, as chamadas expressões tipicamente brasileiras do tipo: ficar de queixo caído, matar a cobra e mostrar o pau, mostrar com quantos paus se faz uma canoa, contar com o ovo dentro da galinha e ver o sol quadrado;
- (b) 2º grupo, as expressões coloquiais ou gírias: chutar o pau da barraca, matar cachorro a grito, pagar mico, soltar a franga, tirar água do joelho;
- (c) 3º grupo, as expressões populares do tipo: aguentar o tranco, bater as botas, botar a boca no trombone, meter o rabo entre as pernas, segurar as pontas;
- (d) 4º grupo, as expressões figurativas do tipo: deixar com a pulga atrás da orelha, cortar o mal pela raiz, cutucar a onça com vara curta, escorregar numa casca de banana, tirar o cavalinhoda chuva; e

(e) 5º grupo, expressões informais do tipo: cozinhar o galo, dar com os burros na água, entornar o caldo, perder as estribeiras, forçar a barra.

### 3. Seleção dos contextos de uso

Selecionadas as 25 expressões idiomáticas, partimos para a coleta das mesmas em situação de uso social, isto é, o emprego das referidas expressões na linguagem jornalística. Para tanto, recorremos aos buscadores dos sites dos principais jornais brasileiros como Diário do Nordeste, Jornal O Povo, estes do Ceará; Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, de São Paulo; Correio Braziliense, de Brasília; e Jornal do Brasil e O Globo, do Rio de Janeiro.

Para darmos uma ideia dos resultados concretos da formação de um corpus ad hoc com as expressões idiomáticas em uso social, vamos, a seguir, dar uma pequena amostra do material. As expressões, a seguir, são apenas as do 5º grupo, as chamadas expressões informais do tipo: cozinhar o galo, dar com os burros na água, entornar o caldo, perder as estribeiras e forçar a barra. Eis os excertos extraídos dos jornais:

(a) **Cozinhar o galo** - "Ciente de que, na última vez em que arrisquei dar palpites, mesmo ressaltando que eram só palpites, não previsões, pois, no futebol, não é possível prever o que quer que seja. Até a chegada do Santos à final é algo que ninguém arriscava prever há três semanas, quando o Peixe mal conseguia a classificação para o mata-mata. O Corinthians, por outro lado, é o time do ano e, contrariando a análise deste comentarista, mostrou que estava só **cozinhando o galo** no final da fase de classificação e que tem poder para buscar um resultado adverso, como ocorreu contra o Fluminense." (In Márcio Senne de Moraes, Coluna Futebol & Cia, Folha On line, 05/12/2002);

(b) **Dar com os burros n'água**: Ainda ontem, o secretário nacional de comunicação do Partido dos Trabalhadores (PT), deputado André Vargas (PR), criticou a transmissão de sessões do Supremo Tribunal Federal (STF) pela TV. Mesmo criticando as transmissões pela TV, Vargas disse que o PT não será prejudicado: "Já enfrentamos isso em 2005 e muita gente falou que o PT ia acabar. No ano seguinte, elegemos uma expressiva bancada de deputados e reelegemos Lula. Os que apostaram no fim do PT **deram com os burros n'água** e agora vão dar de novo." (In Flávio Ferreira, Daniela Lima, Kelly Matos e Erich Decat, Coluna Poder, Folha de São Paulo, 08/06/2012);



(c) **Entornar o caldo**: "Áries: você está superinquieto. Talvez seja bom ter alguém por perto, apelando para o seu bom senso. Qualquer coisa pode ser a gota d'água no pote cheio da sua paciência. Mas talvez também seja bom **entornar o caldo** e quebrar algumas cadeias e correntes." (In seção Horóscopo, Caderno 3, DN, 25/08/2000);

(d) **Perder as estribeiras** - "Após um discurso inflamado do ex-ministro Ciro Gomes no lançamento das obras da Ferrovia Transnordestina, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que não tem mais idade para ficar nervoso e que um presidente "não pode **perder as estribeiras**". Segundo ele, na Presidência da República é preciso "engolir muito sapo".(O Globo, Novos Artigos, 6/06/06); e

(e) **Forçar a barra** - "O prefeito de Campinas, Pedro Serafim Júnior (PDT), exonerou o secretário de Esportes e Lazer, Gustavo Petta, filiado ao PC do B e cunhado do ministro Orlando Silva. Em seguida, o PC do B de Campinas divulgou em nota que a decisão foi pautada exclusivamente pela conjuntura municipal. "Eu encarei a exoneração como algo natural", disse Petta nesta segunda ao Estado. "Tentar ligar isso à conjuntura do ministro do Esporte é **forçar a barra**", disse."(In Agência Estado, Caderno Nacional, DN, 24/10/2011)

#### 4. Design do Teste de Reconhecimento Idiomático

Selecionadas as expressões idiomáticas em contexto de uso, elaboramos instruções para coleta de dados do teste de reconhecimento idiomático (TRI), lidas para nossos sujeitos antes de submetê-los ao experimento. As instruções foram as seguintes:

(a) Natureza do experimento: "Neste experimento, estamos interessados em gravar em uma fita o que você pensa sobre quando descobre os significados de 25 expressões idiomáticas em Português.";

(b) Definição de expressão idiomática: "Uma expressão idiomática é uma expressão ou frase que não significa literalmente o que ela diz: Por exemplo, quando alguém diz " O político ousado, no Brasil, que desejar implantar a ideia luminosa do imposto único vai dar murro em ponta de faca a vida toda", a locução "Dar murro em ponta de faca" é uma expressão idiomática que significa "Insistir em fazer algo que será infrutífero, que não tem possibilidade de se concretizaré uma expressão". A expressão, portanto, não significa que o político vai " dar uma pancada na ponta da faca."

(c) Informação sobre protocolo verbal: " Vou dar-lhe 25 cartões com expressões idiomáticas e pedir-lhe para Pensar em Voz Alta, como você descobre os significados das expressões idiomáticas. Você vai Pensar em Voz Alta e me dizer tudo que você está pensando a partir da primeira vez que você olhar a expressão idiomática até que me diga o que ela significa;

(d) Estímulos para o protocolo verbal: " Algumas perguntas poderão passar em sua mente depois de ver as expressões idiomáticas do tipo: Já havia lido ou visto esta expressão antes? Já sei o significado de cor? Como o contexto explica o significado desta expressão idiomática? O significado literal (ao pé da letra) da expressão tem alguma relação com seu sentido figurado? Será que uma determinada palavra da expressão foi o suficiente para eu poder dar seu significado idiomático?A expressão idiomática me faz lembrar algo que ouvi alguém dizer antes?";

(e) Apresentação da expressão em contexto: " Eu gostaria que você falasse em voz alta, durante todo o tempo, desde o momento em que lhe apresento cada enunciado no cartão até você dar sua resposta final. Por favor, não tente planejar o que você diz. Basta agir como se você estivesse sozinho na sala falando para si mesmo. É mais importante que você continue falando. Se você ficar em silêncio por um período longo de tempo, vou pedir-lhe para falar";

(f) Simulação do teste: " Aqui está um exemplo bem parecido do que irei aplicar neste teste com expressão idiomática: "O pessoal de esquerda anda preocupado com Hugo Chávez. O presidente venezuelano deu agora pra dizer que, se não há vida em Marte, o capitalismo deve estar por trás disso. Vai acabar botando minhoca na cabeça do Fidel Castro, que, como se sabe, está se despedindo da luta." (In Humor Tutty, O Estado de São Paulo, 27/03/ 2011). O que a expressão "botar minhoca na cabeça" significa para você? Diga-me, em voz alta, o pensamento que passa por sua mente, como você descobre ou tenta descobrir o significado desta expressão."

(In) conclusão

Em fase de pré-teste, a pesquisa aponta ainda que a maioria dos participantes está envolvida em uma abordagem heurística, empregando uma variedade de estratégias por meio de tentativa e erro para encontrar os significados das expressões idiomáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELINCHÓN, Mercedes. Lenguaje no literal y aspectos pragmáticos de la comprensión. In VEGA, Manuel de e CUETOS, Fernando. (Orgs.). *Psicolinguística del español*. Madrid: Trotta, 1999. cap.9, p. 307-373.
- BOBROW, S., BELL. S. 1973. "On catching on to idiomatic expressions". *Memory and cognition*. 1. p.343-346.
- CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia (Orgs.). *Idioms: processing, structure, and interpretation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993.
- CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1969.
- COOPER, THOMAS C. Processing of Idioms by L2 Learners of English. In *Tesol Quarterly* Vol. 33, No. 2, Summer 1999. p. 233-262.
- JOSEP CUENCA, Maria e HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel Lingüística, 1999.
- DETRY, Florence. *Estrategias memorísticas y aprendizaje de las expresiones idiomáticas en lengua extranjera: el papel cognitivo de la iconicidad fraseológica*. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Filología y Filosofía, Universidad de Girona, Girona, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009.
- FLORES D'ARCAIS, G. B. *The comprehension and semantic interpretation of idioms*. In C. Cacciari & P. Tabossi (Orgs.), *Idioms: Processing, structure, and interpretation* Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. p. 79-98.
- GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. *Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones*. Rubí (Barcelona): Antropos, 2008.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Nova Geração, 2010.
- SWINNEY, D. e CUTLER, A. "The access and processing of idiomatic expressions". *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*", 1979, nº18, p. 645-659. Disponível em Internet: <http://repository.uhn.ru.nl/bitstream/2066/15608/1/5998.pdf>. Acesso em 26/03/2010.